

Enid Blyton

Os CINCO

E O COMBOIO-FANTASMA

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

1. Férias	11
2. Pela charneca acima	21
3. O vulcão da Ana	31
4. Comboios-fantasma	41
5. De regresso ao acampamento	51
6. Um dia na quinta	61
7. O Sr. Andrews chega a casa	73
8. Um fim de tarde descontraído	85
9. Um visitante noturno	95
10. À procura de comboios-fantasma	105
11. O Jock	117
12. A Zé perde as estribeiras	129
13. Um plano emocionante	139
14. O Jock vem para o acampamento	149
15. A aventura da Zé	161
16. De volta ao túnel	173
17. Uma descoberta incrível	183
18. Uma maneira de escapar	195
19. Que aventura!	205

1. FÉRIAS

— Duas tendas resistentes, quatro tapetes, quatro sacos-cama... Então e o Tim? Não tem direito a saco-cama? — perguntou o David, sorrindo.

As outras três crianças riram-se, e *Tim*, o cão, bateu com a cauda no chão.

— Olhem para ele! Também se está a rir! Tem a boca escancarada — disse a Zé.

Viraram-se todos para o cão, que, de facto, parecia mesmo ter um largo sorriso na boca peluda.

— É um querido — disse a Ana, abraçando-o. — És o melhor cão do mundo, não és, *Tim*?

— ão-ão! — respondeu o Tim, plenamente de acordo. E brindou a Ana com uma lambidela no nariz.

As quatro crianças — o Júlio, alto e forte para a idade, o David, a Zé e a Ana — estavam ocupadas a planear o acampamento de férias. A Zé era uma rapariga, não um rapaz, mas recusava-se a responder pelo verdadeiro nome, Maria José. De cara sardenta e cabelo

curto encaracolado, parecia de facto mais um rapaz do que uma rapariga.

— É absolutamente fantástico podermos passar as férias a acampar sozinhos — disse o David. — Nunca pensei que os nossos pais autorizassem, depois da aventura fabulosa que tivemos no verão passado, quando fomos passear nas caravanas.

— Bem... Na verdade, não vamos estar *completamente* sozinhos — respondeu a Ana. — Não se esqueçam de que o senhor Luffy vai estar de olho em nós; vai acampar por perto, não é?

— O bom velho Luffy! Nem vai dar pela nossa presença. Desde que possa estudar os seus preciosos insetos da charneca, não nos vai incomodar nada — disse o David.

— Bem, se ele não fosse acampar connosco, não nos deixavam ir. Foi o que ouvi o pai dizer — retorquiu a Ana.

O Sr. Luffy era professor no colégio interno dos rapazes, e era um velhote distraído, com uma paixão pelo estudo de insetos de toda a espécie. A Ana evitava-o sempre que ele trazia consigo caixas de espécimes, porque às vezes conseguiam fugir e saíam a rastejar. Os rapazes gostavam dele e achavam-lhe graça. Mas a ideia de o Sr. Luffy os vigiar parecia-lhes deveras cómica.

— É mais provável que tenhamos de ser nós a ficar de olho *nele* — comentou o Júlio. — É o tipo de pessoa que vai estar sempre a levar com a tenda em cima, ou a ficar sem água, ou a sentar-se em cima do cesto de ovos. O senhor Luffy parece viver no mundo dos insetos e não no nosso!

— Por mim, pode perfeitamente ficar a viver no mundo dos insetos, se lhe apetecer, desde que não se meta connosco — disse a Zé, que detestava pessoas metedidas. — Tudo indica que vamos ter umas férias fantásticas — a dormir em tendas no cimo da charneca, longe de toda a gente, a fazer o que nos der na real gana, quando nos apetecer e se nos apetecer.

— ão-ão! — latiu o Tim, batendo mais uma vez com a cauda.

— Ele está a dizer que também vai fazer o que *lhe* apetecer — explicou a Ana. — Vais caçar centenas de coelhos, não é, *Tim*? E ladrar furiosamente a qualquer pessoa que se aproxime a três quilómetros de nós!

— Para lá quieta um minuto, Ana! — disse o David, voltando a pegar na lista que tinha feito.

— É preciso verificar a lista, para confirmar que temos tudo o que precisamos. Onde é que eu estava? Ah, quatro sacos-cama.

— Exato. E querias saber se o *Tim* também ia ter um — disse a Ana, com um risinho.

— Claro que não! Vai dormir onde dorme sempre, não é, *Tim*? Aos meus pés — respondeu a Zé.

— Não *lhe* podíamos arranjar só um saco-cama *pequenino*? Ia ficar fofinho, com a cabeça a espreitar pela abertura — sugeriu a Ana.

— O *Tim* odeia ficar fofinho — ripostou a Zé. — Vá lá, David... Vou tapar a boca da Ana com o meu lenço, se ela voltar a interromper-te.

O David verificou a lista. Era muito interessante: continha coisas como fogões de campismo, baldes de lona, pratos e canecas de esmalte, e cada uma delas deu direito a muita discussão. As quatro crianças divertiram-se imenso.

— É quase tão divertido planejar umas férias como fazê-las — comentou o David. — Bem, parece-me que não nos esquecemos de nada, pois não?

— Não. Devemos é ter coisas a mais! O senhor Luffy diz que leva a nossa tralha no atrelado do carro, e ainda bem. Não me agradava nada a ideia de sermos nós a carregar tudo! — respondeu o Júlio.

— Oh, quem me dera que a próxima semana fosse já! Porque será que o tempo parece passar mais devagar quando estamos à espera de que algo aconteça, e tão depressa quando alguma coisa boa *está a* acontecer? — disse a Ana.

— Pois é. E devia ser ao contrário, não é? — respondeu o David, com um sorriso. — Quem é que tem o mapa? Gostava de dar mais uma vista de olhos ao sítio para onde vamos.

O Júlio tirou o mapa do bolso. Quando o abriu, as quatro crianças espalharam-se em redor. Mostrava uma charneca ampla e solitária, com muito poucas casas.

— Há apenas umas pequenas quintas, mais nada — disse o Júlio, apontando para uma ou duas. — Mas não deve ser nada fácil ganhar a vida numa terra tão pobre. Vejam: é mais ou menos para aqui que vamos... aqui mesmo... E na encosta em frente há uma pequena quinta onde podemos ir

buscar leite, ovos e manteiga, quando precisarmos. O Luffy já lá esteve. Diz que é uma quinta pequena, mas muito útil para os campistas.

— Estas charnecas ficam muito lá no alto, não é? — perguntou a Zé. — Imagino que faça um frio de rachar no inverno.

— É verdade. E também podem ser ventosas e frias no verão, por isso o Luffy diz que é melhor levarmos camisolas de lã e essas coisas. Parece que no inverno ficam cobertas de neve durante meses, e as ovelhas têm de ser desenterradas, quando se perdem — respondeu o Júlio.

O David acompanhou com o dedo uma pequena estrada sinuosa que se arrastava ao longo da zona selvagem da charneca.

— É esta a estrada que vamos seguir. E suponho que paremos aqui, onde começa este caminho de terra batida. Deve ir dar à quinta. Vamos ter de transportar as coisas de onde o Luffy estacionar o carro até ao sítio onde vamos acampar.

— Espero que não seja demasiado perto do Luffy — disse a Zé.

— Não, não. Ele concordou em olhar por nós, mas vai esquecer-se da nossa existência logo que esteja instalado na sua própria tenda. A sério que vai! Dois rapazes que eu conheço foram uma vez passar o dia fora com o Luffy, e ele regressou sem eles ao fim do dia. Tinha-se esquecido de que os tinha levado e deixou-os perdidos algures, a quilómetros e quilómetros de distância.

— Querido senhor Luffy! É mesmo o tipo de adulto que queremos! Não vai andar atrás de nós a perguntar se lavámos os dentes ou se estamos bem agasalhados! — disse o David.

Os outros riram-se, e o *Tim* abriu a boca em mais um sorriso canino. Tinha um ar feliz, com a língua de fora — era tão bom estar de novo com os seus quatro amigos e ouvi-los a planear as férias. Ia para a escola com a Zé e a Ana durante o período de aulas, e tinha muitas saudades dos dois rapazes. Mas a Zé era a sua dona, e não lhe passava pela cabeça deixá-la. Ainda bem que a escola da Zé permitia a presença de animais, caso contrário ela ter-se-ia certamente recusado a ir para lá!

O Júlio voltou a dobrar o mapa.

— Só espero que tudo o que encomendámos chegue a tempo. Temos cerca de seis dias de espera pela frente. É melhor irmos lembrando o Luffy de que vamos com ele, não vá ele partir sem nós!

Custava ter de esperar tanto tempo, agora que estava tudo planeado. Chegaram encomendas de várias lojas, que foram abertas com entusiasmo. Os sacos-cama eram dos bons.

— Maravilhosos! — disse a Ana.

— Fantásticos! — corroborou a Zé, enfiando-se no seu. — Vejam! Posso fechá-lo até ao pescoço, e tem uma espécie de capuz para cobrir a cabeça. É mesmo quentinho! Bem pode estar a noite mais fria de sempre, desde que eu esteja a dormir numa coisa destas! Vamos usá-los já hoje à noite.

— O quê? Nos nossos quartos? — perguntou a Ana.

— Sim. E porque não? Para nos habituarmos — respondeu a Zé, para quem um saco-cama era mil vezes melhor do que uma vulgar cama.

Assim, nessa noite, dormiram os quatro no chão dos respetivos quartos, dentro dos sacos-cama, e acharam-nos extremamente confortáveis e quentinhos.

— O único problema é o *Tim* ter estado sempre a tentar enfiar-se dentro do meu — comentou a Zé. — E, sinceramente, não há espaço que chegue para nós os dois. Além disso, assava, no mínimo.

— Sim? — ripostou o Júlio. — Olha que a mim o que me pareceu foi que ele passou mais de metade da noite em cima da minha barriga. Se o Tim vai passar a noite a saltitar de uns sacos-cama para os outros, vou fechar a porta do quarto à chave!

— Os passeios até nem me incomodam assim tanto — acrescentou o David. — Não posso é com a mania terrível que ele tem de dar voltas e voltas e mais voltas antes de se deitar! Passou o tempo todo a fazer isso ontem à noite! É um hábito bem parvo.

— Ele não tem culpa! — disse imediatamente a Zé. — É um instinto que os cães selvagens têm há séculos. Como dormiam em juncos e canaviais, tinham de dar imensas voltas lá dentro, para os calcar de modo a ficarem minimamente confortáveis. E os nossos cães de hoje em dia continuam a dar essas voltinhas todas, antes de se deitarem, mesmo quando não têm canas para esmagar.

— Quem me dera que o *Tim* se esquecesse de que é descendente de cães selvagens que dormiam em camas de cana e pensasse apenas que é um cãozinho adorável e domesticado, com um cesto só para ele... — desejou o David. — Haviam de ver a minha barriga hoje! Está toda cheia de marcas das patas dele!

— Aldrabão! — retorquiu a Ana. — Exageras sempre tanto, David! Oh, quem me dera que já fosse terça-feira! Estou farta de esperar!

— Vais ver que chega num instante — prometeu o Júlio.

E chegou, claro está. O dia amanheceu soalheiro e luminoso, com um céu muito azul, salpicado por pequenas nuvens brancas.

— São nuvens de bom tempo — explicou o Júlio, todo contente. — Agora, esperemos que o senhor Luffy não se tenha esquecido de que a partida é hoje. Ficou de estar cá às dez horas. Vamos levar sandes para toda a gente... A mãe achou que era melhor, não fosse o senhor Luffy esquecer-se das dele; e, mesmo que não se tenha esquecido, não faz mal, porque tenho a certeza de que somos perfeitamente capazes de dar conta de tudo! E há sempre o *Tim*, para garantir que não sobra uma migalha!

O *Tim* estava tão excitado como as quatro crianças. Sabia sempre quando é que estava para acontecer uma coisa boa. A cauda não parava de abanar, tinha a língua pendurada e ofegava como se tivesse acabado de participar numa corrida. Passava a vida a meter-se entre os pés de toda a gente, mas ninguém se importava.

O Sr. Luffy chegou com meia hora de atraso, quando toda a gente já pensava que se esquecera do que tinham combinado. Mas apareceu, ao volante de um carro enorme, com um grande sorriso no rosto. Todos o conheciam muito bem, porque não vivia longe e era amigo dos pais do Júlio, do David e da Ana.

— Olá, olá! — gritou. — Vejo que estão prontos! Ainda bem! Enfiem tudo no atrelado, está bem? Já lá estão as minhas coisas, mas o que não falta é espaço. Ah, e trouxe sandes para todos, já agora... A minha mulher disse-me que era melhor vir bem abastecido!

— Nesse caso, hoje vamos fazer um banquete — comentou o David, enquanto ajudava a carregar as tendas bem dobradas e os sacos-cama.

Ao fim de pouco tempo, a bagagem estava toda no atrelado, e o Júlio amarrou-a muito bem com umas cordas. As crianças despediram-se dos adultos, que assistiam a tudo, e entraram para o carro, muito entusiasmadas. O Sr. Luffy ligou o motor e meteu a primeira mudança, fazendo uma grande algazarra.

— Adeus! — disseram os pais do Júlio, com a mãe a acrescentar: — E vejam lá se desta vez NÃO se metem em aventuras!

— Claro que não! — ripostou o Sr. Luffy, numa voz jovial. — Eu não deixo! E não há aventuras na charneca selvagem e deserta, estejam descansados. Adeus!

Lá foram eles, pela estrada fora, a acenar que nem loucos e a despedirem-se aos berros.

— Adeeeeeeeeeus! Vamos embora! Até que enfim!

O carro começou a descer a estrada, com o atrelado aos solavancos na parte de trás. As férias tinham começado!